

## ESPAÇO E TEMPO EM CAMPINAS: MIGRANTES E A EXPANSÃO DO PÓLO INDUSTRIAL PAULISTA\*

Rosana Baeninger

O objetivo central desta dissertação foi acompanhar a evolução da população do Município de Campinas desde a segunda metade do século passado até os nossos dias, cotejando as transformações demográficas *vis-à-vis* as mudanças sócioeconômicas. O acompanhamento da trajetória populacional de Campinas possibilitou evidenciar a importância dos movimentos migratórios na configuração do município, bem como na constituição do espaço urbano-metropolitano que hoje a região apresenta.

A preocupação com a reconstrução histórica permitiu observar tipos e características dos movimentos migratórios relacionados a etapas da economia e apreender momentos em que a migração contribuiu para a constituição da população "necessária", outros que passou a ser considerada população "excedente", e como a visão ideológica a respeito dos migrantes foi se alterando nas diferentes etapas.

Embora não se possa estabelecer relação mecânica entre tipos de movimentos migratórios e etapas da economia, observou-se simultaneidade nesses processos; no limite, essas dinâmicas articulam-se num mesmo processo. A separação, apenas analítica, entre essas ordens de fenômenos, no entanto, permite vislumbrar reciprocidades da dinâmica econômica sobre os movimentos migratórios e, por outro lado, dos movimentos migratórios com relação ao evoluir da economia.

Desde fins do século XVIII, Campinas destaca-se no contexto estadual em função de seu dinamismo econômico. Sua posição geográfica privilegiada permitiu-lhe, em diferentes momentos da história, servir de ligação entre o interior e a capital. Já em 1882, de acordo com o recenseamento, a população do município já registrava mais de 7 mil habitantes, refletindo o forte dinamismo da produção açucareira. De fato, a partir do final do século XVIII, até a primeira metade do século seguinte, Campinas destacou-se como o maior centro produtor de açúcar do Estado de São Paulo. O ciclo do açúcar, sustentado pelo trabalho escravo, trouxe um contingente considerável dessa população para Campinas; em 1822 a população não-branca chegava a representar 67,7% do total populacional do município.

A liderança econômica do município, no âmbito do Interior, acentuou-se com a implantação da cultura do café no Oeste Paulista, a partir do último quartel do século XIX. Campinas foi uma das regiões que mais se beneficiou com o desenvolvimento do complexo cafeeiro e, particularmente, com a instalação da rede ferroviária. Nesse contexto, a prosperidade da cultura cafeeira passava a demandar crescente mão-de-obra para o seu cultivo. Novo contingente populacional entrava, então, no município: os imigrantes euro-

\* Dissertação de Mestrado, IFCH/Unicamp, 1992.

peus. Campinas, nos primeiros anos da imigração (1882-1900), ocupava a segunda colocação em volume de estrangeiros recebidos, perdendo apenas para a capital do Estado.

Constituindo-se numa etapa muito rica e importante da história de Campinas e, por outro lado, o pouco conhecimento existente a respeito desse contingente populacional em nível municipal, foi possível, através desse projeto de dissertação, aprofundar e conhecer as características dessa população imigrante com a coleta de informações dos estrangeiros, que tiveram como destino o Município de Campinas, na Hospedaria dos Imigrantes do Estado de São Paulo.

Segundo esses registros, foram enviados para as lavouras de café do município, de 1882 a 1900, 10.631 imigrantes estrangeiros, dos quais 75% eram italianos; 11,3% portugueses; 7,9% espanhóis; 3,9% alemães e 1,8% de outras nacionalidades. A imigração do tipo individual foi predominantemente até 1886 para as principais nacionalidades, passando a migração familiar a ter mais peso a partir de então.

A prosperidade econômica e o grande aumento populacional no município permitiram que Campinas disputasse, no final dos anos 80 do século XIX, a primazia com o Município de São Paulo. A intensificação do processo de urbanização no Estado, no entanto, configurou uma divisão social do trabalho mais acentuada, reforçando a tendência da cidade de São Paulo como polarizadora das atividades econômicas.

A contribuição do elemento estrangeiro foi fundamental para o desenvolvimento econômico e urbano: quer na lavoura, como mão-de-obra ou proprietário, quer na instalação de indústrias, como proprietário ou mão-de-obra qualificada. O movimento migratório internacional desempenhou papel de grande importância nesse processo de urbanização, alterando, em muitos casos, o comportamento demográfico, o perfil populacional e econômico e as formas de inserção dos municípios na divisão social do trabalho no Estado.

Apesar da crise do café, em 1929, o acentuado dinamismo da cidade de Campinas foi capaz de reorientar sua estrutura produtiva em cada uma das etapas do desenvolvimento econômico em curso no País. Com a herança deixada pelo complexo cafeeiro, o processo de industrialização se consolidou, enquanto a crescente urbanização transformava o espaço campineiro.

O acelerado processo de urbanização pós-30 marcou a passagem para uma



sociedade essencialmente urbano-industrial. Entre 1930 e 1940, as atividades urbanas em Campinas já eram mais relevantes que as rurais. Em 1940, 60,4% da População Economicamente Ativa (PEA) estava inserida em atividades urbanas — 20,2% no setor secundário e 40,2% no terciário —, cabendo ao setor primário 39,6% do total da PEA.

Campinas já contava, em 1934, com uma população de 132.819 habitantes, e sua população urbana só não era maior que a dos municípios da região do litoral, no conjunto do interior. Mais da metade da população de Campinas residia em áreas urbanas nesse ano, proporção que se elevou para 65%, em 1940, e 70%, em 1950.

A inauguração da Via Anhanguera, em 1948, propiciou o direcionamento de fluxos migratórios para o município no início dos anos 50. Tratava-se, agora, não mais de fluxos estrangeiros mas sim de fluxos provenientes de regiões próximas; diferentemente da Região Metropolitana de São Paulo que, nesse momento, canalizava a migração de outros estados.

Na década de 1950, Campinas já se projetava como importante centro industrial, com forte dinamismo nos setores do comércio, de serviços e agrícola, revelando suas potencialidades para a próxima etapa da economia. As transformações ocorridas em Campinas, desde o início dos anos 1920, alteraram completamente o cenário da antiga cidade cafeeira. A urbanização processada nesse período acompanhava o progresso do município.

O final dos anos 1950 e início dos 1960 transformaram Campinas na “cidade-modelo” do Estado. Os baixos índices de mortalidade infantil, o planejamento urbano, a inexistência de favelas ancoravam esse adjetivo para a cidade. Nessa etapa, a chegada de migrantes representava sinal de prosperidade econômica do município e, como o direcionamento dos fluxos migratórios de outros estados e do próprio interior tinham como destino, nesse momento, particularmente a capital, o discurso institucional ressaltava a grande oferta de empregos no município.

A partir de 1960, e particularmente nos anos de 1970, Campinas tornou-se um dos eixos da expansão industrial do Estado. A descentralização relativa da atividade industrial a partir da Região Metropolitana de São Paulo conduziu o Município a um acelerado crescimento econômico e populacional. Além disso, a integração do mercado de trabalho, com a subordinação da agricultura à indústria, contribuiu para que novos incentivos governamentais beneficiassem a região.

Em 1970, a população do município já era de 375.864 habitantes e quase que duplicando em 1980: 664.559 habitantes. A migração foi o componente principal nesse crescimento populacional, sendo que pela primeira vez Campinas havia recebido volume tão significativo de migrantes de outros estados, particularmente do Paraná, Minas Gerais e da região Nordeste. Além desse fluxo, o enorme volume migratório que o Município e a Região de Campinas receberam de outras regiões do Estado e da própria Região Metropolitana de São Paulo configurou essa área como o mais importante pólo de atração populacional do Estado de São Paulo, nos anos 1970. A par disso, no entanto, o migrante passou a ser a “resposta” para os problemas urbanos e sociais emergentes.

Distante apenas 98 Km da sede da Região Metropolitana de São Paulo, o Município de Campinas é, hoje, a capital regional mais industrializada, mais urbanizada e de maior

atração populacional do Interior. Sua Região Administrativa é a segunda mais desenvolvida do Estado, a terceira concentração industrial do País, a sétima produção agropecuária; além disso, o Município abriga a maior praça bancária e a quinta maior base de tributação federal.

Assim, ao final deste século, Campinas emerge como nova área metropolitana no Estado. De um lado, a estruturação da área, a distribuição espacial da população e o processo de crescimento, expansão e ocupação do novo espaço metropolitano não podem

ser entendidos sem as análises do fenômeno migratório. De outro lado, a própria integração do mercado regional; o intenso processo de urbanização, com o surgimento de "cidades-dormitório"; a deteriorização das condições de vida de sua população; os problemas urbanos de expansão da periferia, violência, pobreza e infra-estrutura deficiente são expressões características do fenômeno. Se a configuração metropolitana da região reforça seu papel de centralidade no Estado, por outro lado, a ausência ou ineficácia das políticas sociais vem acentuando, cada vez mais, a deterioração das condições de vida da população. É nesse contexto que se reforça o preconceito frente ao migrante.



Para o acompanhamento da trajetória econômico-populacional do Município de Campinas utilizaram-se informações da Prefeitura Municipal de Campinas, do Centro de Memória-Unicamp, do Instituto de Economia-Unicamp, da Fundação SEADE e do Escritório de Integração Regional (SEPLAN), bem como os dados dos Censos Demográficos, Industriais, Agrícolas e de Serviços, da Hospedaria dos Imigrantes do Estado de São Paulo, e dos estudos realizados sobre o município e região presentes na bibliografia especializada. Foram úteis também as informações da imprensa local. Para o conhecimento das tendências recentes na área, particularmente dos movimentos migratórios e seu papel no processo de metropolização, foi realizado um levantamento de campo, no qual foram entrevistados agentes institucionais e migrantes da região.